



ΑΙΘΡΑ

HISTORIA ANTIGA
E ARQUEOLOGIA

Ítaca, o Peloponeso e

TROIA

Heinrich Schliemann

 Ars Poetica

P R Ó L O G O

Quando no ano de 1832, em Kalkhorst, um povoado em Mecklenburg-Schwerin, com a idade de 10 anos, dei ao meu pai, como presente de Natal, uma redação escrita de punho próprio, em péssimo latim, sobre os principais acontecimentos da Guerra de Tróia e as aventuras de Ulisses e Agamêmnon, eu não previa que trinta e seis anos mais tarde, apresentaria ao público um estudo sobre este mesmo assunto. E isso depois de ter tido a sorte de ver, com meus próprios olhos, o cenário dessa guerra e a pátria dos heróis, cujos nomes tornaram-se imortais através de Homero.

Assim que aprendi a falar, meu pai narrou-me os grandes feitos dos heróis homéricos. Eu adorava essas narrações. Elas me encantavam e me deixavam bastante entusiasmado. As primeiras impressões que uma criança capta, ficam com ela durante toda a sua vida. Embora estivesse destinado a ingressar, aos 14 anos, como aprendiz na loja de mantimentos do Sr. E. Lud. Holtz, na pequena cidade de Fürstenberg, em Mecklenburg-Schwerin, ao invés de seguir a linha científica, pela qual eu sentia ter uma inclinação extraordinária, guardei para sempre o mesmo amor aos famosos homens da Antigüidade; amor que nutri por eles desde a minha infância.

Na pequena loja, na qual trabalhei durante cinco anos e meio, primeiramente com o já citado Sr. Holtz, e depois com o seu sucessor, o excelente Sr. Th. Hückstädt, a minha ocupação era vender a varejo arenque, manteiga, aguardente, leite e sal, levar batatas para moer e depois destilar, varrer a loja, etc.. Eu estava sempre em contato com as classes mais baixas da sociedade.

Das cinco horas da manhã, até as onze horas da noite, ficava na loja e não tinha nenhum momento livre para estudar. Também esqueci rapidamente o pouco que aprendi na minha infância, mas, apesar disso, não perdi a vontade de aprender. Sim, eu não a perdi, e lembrarei durante toda a minha vida, quando numa certa noite entrou na loja um moleiro bêbado. Ele era o filho de um pastor protestante em um povoado em Teterow e tinha quase terminado os seus estudos no ginásio, quando foi expulso por má conduta. Para castiga-lo, o pai fe-lo aprender o ofício de moleiro. Insatisfeito, o jovem homem entregou-se à bebida, que, no entanto, não o deixou esquecer Homero, pois do mesmo declamava por

volta de cem versos, observando o ritmo. Embora não entendesse sequer uma palavra daquilo, aquela língua sonora causou-me uma profunda impressão, e eu chorava amargas lágrimas pelo meu infeliz destino. Pedi que ele repetisse aqueles versos divinos três vezes. Para isto, paguei três copos de aguardente com os poucos centavos que representavam toda a minha fortuna. A partir daquele momento, nunca parei de pedir a Deus que ainda me fosse possível, com a sua graça, aprender grego.

Entretanto, não havia para mim nenhuma esperança de sair da triste e humilde posição, na qual eu me encontrava. E só saí dali como por um milagre. Ao levantar um pesado barril, machuquei o peito; eu cuspi sangue e não estava mais apto para trabalhar. No meu desespero fui para Hamburgo, onde foi possível alistar-me como grumete a bordo de um determinado navio que ia para Laguayra, na Venezuela.

Em 28 de novembro de 1841 zarpamos de Hamburgo, mas em 12 de dezembro naufragamos com uma terrível tormenta, na costa da Ilha Texel. Depois de milhares de perigos, a tripulação foi salva. Encarei como meu destino permanecer na Holanda e decidi ir para Amsterdã, para ser soldado. Mas isto não aconteceu tão depressa quanto eu esperava. Os poucos gulden que consegui ajuntar, pedindo esmolas na Ilha de Texel e em Enkhuyzen, foram gastos em dois dias em Amsterdã. Como os meus recursos tinham se esgotado, fingi estar seriamente doente e fui acolhido no hospital. Desta terrível situação, livrou-me o bravo corretor de navios J. F. Wendt, de Hamburgo que, quando soube do meu acidente, enviou-me os rendimentos de uma pequena coleta realizada para mim. Ao mesmo tempo, recomendou-me ao excelente Cônsul Geral da Confederação Norte em Amsterdã, Sr. W. Hepner, que me conseguiu um emprego como auxiliar de escritório com o Sr. F. C. Quien.

Na minha nova ocupação, tinha que carimbar recibos de câmbio e depositá-los na cidade, levar e buscar cartas no correio. Essa ocupação mecânica agradava-me, pois deixava tempo para poder pensar sobre a minha educação descuidada.

A princípio, esforcei-me em aprender a escrever legivelmente e, logo em seguida, visando melhorar a minha posição, tratei de estudar novos idiomas. Meu salário era de somente 800 francos ao ano, dos quais a metade gastava com meus estudos. Com a outra metade eu vivia pobre, mas o fazia voluntariamente. Minha moradia, que custava 8 francos mensalmente, era um miserável quarto em um sótão sem fogão, onde no inverno eu tremia de frio e no verão, torrava com o calor. Meu café da manhã era composto de um mingau a base de farinha de centeio e meu almoço nunca custava mais que alguns trocados. Mas nada estimula tanto o estudo do que a miséria e a perspectiva segura de poder livrar-se da

mesma através do esforço no trabalho. Com extraordinário fervor atirei-me ao estudo da língua inglesa. A necessidade indicou-me um método que facilita extremamente o estudo de línguas. Este método compõe-se de: ler bastante em voz alta, não fazer traduções, estudar todo dia uma hora, sempre escrever redações sobre assuntos de nosso interesse, corrigi-las sob a inspeção do professor, decorar a redação corrigida no dia anterior e recitá-la na próxima aula. Minha memória era ruim, pois durante a infância ela não foi treinada para tal, mas eu utilizava todos os momentos e inclusive roubava tempo para estudar. Nunca fazia os meus passeios, mesmo com chuva, sem ter o meu caderno na mão para ir decorando, nunca esperava na fila do correio sem estar lendo. Desta forma, fortalecia a minha memória passo a passo, e consegui, no espaço de meio ano, aprender profundamente a língua inglesa. Então empreguei o mesmo método para o estudo do francês, cujas dificuldades eu dominei também em meio ano. Esses estudos, puxados e excessivos, fortaleceram a minha memória de tal forma no período de um ano, que o aprendizado do holandês, espanhol, italiano e português pareceu ser muito fácil, e eu não tinha mais necessidade de utilizar mais que seis semanas para cada uma dessas línguas, para falá-las e escreve-las fluentemente. Contudo, com a minha paixão pelo estudo, descuidei da minha ocupação mecânica como auxiliar de escritório, principalmente quando comecei a encará-la como sendo indigna de mim. Os meus superiores não queriam me promover. Provavelmente acreditavam que uma pessoa que provava a sua incapacidade para as ocupações de um auxiliar de escritório, não se prestava para uma função superior.

Finalmente, por intermédio dos meus bravos amigos L. Stoll, de Mannheim, e Ballauff, de Bremen, tive a sorte de conseguir um emprego como correspondente e guarda-livros no escritório dos Srs. B. H. Schröder e Cia. em Amsterdã, os quais me contrataram com um salário de 1.200 francos. Mas ao verem o meu entusiasmo, pagaram, para estimular-me, 2.000 francos. Essa generosidade, pela qual serei eternamente grato, consolidou a minha sorte. Como eu acreditava que talvez me tornasse mais útil ainda com o conhecimento da língua russa, apressei-me a aprendê-la também. Mas, dos livros em russo, só consegui arranjar um de gramática antiga, um dicionário e uma péssima tradução de “Telêmaco”. Mesmo perguntando a todo mundo, não consegui encontrar um professor de russo, pois ninguém em Amsterdã entendia uma palavra dessa língua. Pus-me a estudar sem professor e, com a ajuda da gramática, aprendi em poucos dias o alfabeto russo e sua pronúncia. Comecei, então, seguindo o meu velho método, a escrever pequenas histórias de próprio punho em russo e decorar. Como não tinha ninguém que corrigisse os meus trabalhos, eles ficaram muito ruins em todos os

casos. Mas eu procurava ao mesmo tempo corrigir-me através do exercício prático, pelo qual eu decorava “Telêmaco”. Acreditava que faria mais progressos se tivesse alguém comigo, para quem pudesse contar em russo as aventuras de Telêmaco. Para este propósito, eu contratei, por quatro francos na semana, um pobre judeu que tinha que vir todas as noites para, durante duas horas, escutar as minhas recitações em russo, das quais ele não entendia uma sílaba sequer.

Como os forros dos quartos na Holanda são construídos com simples tábuas de madeiras, podemos escutar no piso térreo o que está sendo dito no terceiro andar. As minhas recitações, proferidas em voz alta, importunavam os outros locatários, que reclamaram com o dono da casa e, por conseguinte, durante o meu estudo da língua russa, pressionaram-me duas vezes para que eu me mudasse. Mas esses transtornos não diminuíram o meu entusiasmo e, depois de seis semanas, escrevi a minha primeira carta nesse idioma para um russo em Londres e estava apto a conversar fluentemente com os comerciantes russos que vieram a Amsterdã para o leilão público de índigo.

Depois que terminei o estudo da língua russa, comecei a ocupar-me seriamente com as literaturas das línguas aprendidas.

No início do ano de 1846, os meus corajosos chefes enviaram-me como agente para São Petersburgo, onde fundei, um ano mais tarde, meu próprio negócio. Durante os primeiros oito ou nove anos que vivi na Rússia, eu estava tão sobrecarregado com trabalho que não pude progredir nos meus estudos de idiomas. Somente no ano de 1854 é que me foi possível aprender o sueco e o polonês.

Tão grande também era o meu desejo de aprender grego, que não me atrevia começar o estudo do mesmo mais cedo, até que atingisse uma boa situação financeira: temia que essa língua exercesse tamanho fascínio sobre mim, que por ela eu deixasse os negócios de lado. Como, entretanto, não conseguia mais resistir ao meu desejo de aprende-la, comecei a estudá-la a todo vapor, finalmente, em janeiro de 1856 (primeiro com o Sr. N. Pappadakes, e depois com o Sr. Th. Vimpos de Atenas), seguindo sempre o meu velho método. Não precisei mais que seis semanas para dominar as dificuldades do grego moderno e comecei a aprender o grego arcaico, do qual aprendi o bastante em três meses, para que pudesse entender alguns dos velhos escritores, principalmente Homero, que eu lia e relia com vivo entusiasmo.

Com isto, ocupei-me durante dois anos exclusivamente com a Literatura Grega Antiga e lendo, durante esse período, quase todos os antigos escritores, em escrita cursiva e, diversas vezes, a *Iliáda* e a *Odisséia*.

No ano de 1858 viajei para a Suécia, Dinamarca, Alemanha, Itália e Egito, onde naveguei o Nilo acima até a segunda catarata, na Núbia.

Aproveitei aquela oportunidade para aprender árabe e viajei através do deserto, do Cairo até Jerusalém. Visitei Petra, viajei por toda a Síria e tive, dessa forma, muitas oportunidades para aprender na prática a língua árabe, cujo estudo mais aprofundado fiz em seguida em São Petersburgo. Depois da Síria, visitei Atenas no verão de 1859, e estava com a idéia de viajar para o Ilha de Ítaca, quando então fiquei doente e fui obrigado a voltar para São Petersburgo.

Os céus abençoaram os meus empreendimentos de maneira extraordinária, de forma que, ao final do ano de 1863, eu era dono de uma considerável fortuna, pela qual a minha ambição nunca ousara aspirar. Afastei-me dos negócios para dedicar-me exclusivamente aos estudos, que representavam minha grande paixão.

No ano de 1864, eu estava a caminho para visitar a pátria de Ulisses e a planície de Tróia, quando então decidi visitar a Índia, China e Japão e fazer uma viagem ao redor do mundo. Fiquei dois anos viajando e, após meu retorno, instalei-me, no ano de 1866, em Paris, para dedicar os últimos anos de minha vida à ciência e ocupar-me preferencialmente com a Arqueologia, cujo tema representava a minha grande paixão.

Finalmente consegui realizar o sonho de toda a minha vida: visitar o cenário dos acontecimentos e a pátria dos heróis cujas aventuras encantaram e consolaram a minha infância. Parti então, no último verão, e visitei os locais, um após o outro, nos quais pudessem ainda existir vivas recordações poéticas sobre a Antigüidade.

De forma alguma eu tinha a ambição de publicar um estudo sobre tal assunto. Tomei essa decisão somente quando descobri os erros difundidos por quase todos os arqueólogos sobre o local outrora ocupado pela capital homérica Ítaca, sobre os estábulos de Eumaios, a Ilha Astéris, a antiga Tróia, o túmulo de Batiéia e de Esietes, o túmulo de Heitor, etc. Independentemente da expectativa de corrigir opiniões que considero errôneas, sinto-me feliz em poder colaborar com a difusão entre o público de um estudo bonito e nobre, e pelo qual mantive minha coragem em pé nas duras provações da minha vida, e que adoçará os dias que ainda terei que viver.

Paris, 31 de dezembro de 1868.

Heinrich Schliemann.
6 Place St.-Michel.

Texto introdutório retirado do livro “Ítaca, o Peloponeso e Tróia” de Heinrich Schliemann da Editora Ars Poética

